



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Artesanato, design e sempre-vivas em Diamantina/MG

Handicrafts, design and evergreens in Diamantina /MG

Nadja Maria Mourão

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3990-0201>

Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design/UEMG, MG, Brasil

E-mail: nadjamourao@gmail.com

Article Info:

Article history: Received 2023-08-03

Accepted 2023-10-26

Available online 2023-10-26

doi: 10.18540/revesv16iss3pp170132-01e



Resumo. Na região de Diamantina/MG, as comunidades e grupos de apanhadoras de flores sempre-vivas, são detentoras de um modo de vida e conhecimentos relacionados ao bioma nativo e seu manejo. Este projeto busca desenvolver possibilidades de produção artesanal, por meio de ações sustentáveis e criativas, com foco na cadeia de valor das flores sempre-vivas coletadas na Serra do Espinhaço. Após a revisão bibliográfica, em pesquisa qualitativa, foi proposto uma metodologia de cocriação, com as representantes das comunidades locais, sob as bases do design social. No território brasileiro são encontradas, aproximadamente, 630 espécies de sempre-vivas, quase a metade das espécies registradas em todo planeta. A maior quantidade das espécies ornamentais, colhidas na região, destina-se ao mercado externo por meio de atravessadores. Durante as atividades coletivas, foi desenvolvida uma linha de produtos que preservam a identidade local. Este modelo de iniciativa em projeto social, agrega valores territoriais aos produtos e promovem a sustentabilidade.
Palavras-chave: Sempre-vivas. Artesanato. Design. Diamantina. Sustentabilidade.

Abstract. In the Diamantina/MG region, communities and groups of evergreen flower pickers have a way of life and knowledge related to the native biome and its management. This project seeks to develop possibilities for craft production, through sustainable and creative actions, with a focus on the value chain of evergreen flowers collected in the Serra do Espinhaço. After reviewing the literature, a qualitative study proposed a co-creation methodology with representatives of local communities, based on social design. Brazil is home to approximately 630 species of evergreens, almost half of all species recorded on the planet. Most of the ornamental species harvested in the region are destined for the foreign market through middlemen. During the collective activities, a range of products was developed that preserve the local identity. This model of social project initiative adds territorial value to the products and promotes sustainability.

Keywords: Evergreen flowers. Handicrafts. Design. Diamantina. Sustainability.

1. Introdução

O nome sempre-vivas foi popularizado para essas inflorescências esbranquiçadas com formato de margaridinhas que, depois de colhidas e secas, mantém a sua forma e coloração por muitos anos. No Brasil são encontradas cerca de 630 das 1.200 espécies de sempre-vivas conhecidas. As famílias destas espécies vegetais mais comuns são: Poaceae, Rapateaceae, Cyperaceae, Xyridaceae e de várias espécies de Eriocaulaceae, representando a diversidade morfológica encontrada em cada família (GIULIETTI, 1996, p.332).

O ambiente onde se encontra a maioria das espécies de sempre-vivas é predominantemente seco, de solo raso, arenoso/pedregoso, com afloramentos rochosos, intensa incidência solar, característico de campos rupestres, ambiente encontrado principalmente em regiões dos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais. A Chapada Diamantina, Jalapão, Chapada dos Veadeiros, Serras do Espinhaço, Serra do Cipó, são algumas localidades famosas pela abundância de espécies de sempre-vivas, apesar de ocorrem em diversos outros ambientes brasileiros, do litoral ao alto das serras (CODECEX 2019).

Ao longo de mais de 50 municípios, na porção meridional da Serra do Espinhaço, denominada pelas comunidades locais de Serra Mineira ou Serra de Minas, foi estabelecida a função de Apanhadores de Flores Sempre-vivas. Os apanhadores possuem uma forte ligação com o território e são profundos conhecedores da flora e da fauna local.

A coleta de flores é tradição na região dos campos rupestres do Cerrado e também é fonte de renda para a reprodução sociocultural das famílias. Além das flores, as comunidades vivem das atividades de coleta de plantas medicinais e frutos nativos; da criação de gado rústico; plantações como o milho, feijão e mandioca. Estas atividades são parte do Sistema Agrícola comunidades da região de Diamantina.

As apanhadoras de flores sempre-vivas lutam pelo reconhecimento cultural e econômico com vínculos territoriais demandando o direito de acesso e o uso dos recursos dos quais dependem para manter seu modo de vida tradicional (Figura 1).



Figura 1 – Apanhadoras de Flores sempre-vivas.

Fonte: CODECEX, 2019.

Estes grupos foram organizados por meio da Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas Apanhadoras de Flores Sempre-vivas – CODECEX, que busca a recategorização do Parque Nacional das Sempre-vivas para uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável reconhecendo o direito à coleta de flores como prática tradicional.

Merece destaque o bem-viver das pessoas que participam da coleta das flores sempre vivas. Percebe-se o valor do território para as mulheres, na fala de uma das apanhadoras de flores, durante encontros realizados na sede do CODECEX. Relatam que a Serra do Espinhaço é parte da vida delas. É lá que elas vivem, plantam, comem, criam os filhos, enfim. A Serra é memória, sustento, é a vida, é a história destas mulheres (CODECEX, 2019).

Este projeto surgiu a partir dos encontros entre pesquisadores com a CODECEX e as Comunidades Apanhadoras de Flores Sempre-vivas de Diamantina. Por interesse em colaborar com o desenvolvimento local, constitui-se um grupo de instituições parceiras, na busca de possibilidades para atender as comunidades.

O objetivo deste trabalho é desenvolver possibilidades de produção artesanal, por meio de ações sustentáveis e criativas, com foco na cadeia de valor das flores sempre-vivas e ornamentais coletadas na Serra do Espinhaço/Minas Gerais. Dessa forma, além das práticas tradicionais das comunidades, procura-se estabelecer uma relação dos saberes e fazeres, compartilhando as técnicas e sistemas de produção do design, de forma participativa com os grupos de produção artesanal.

2. Materiais e Métodos

A metodologia para o desenvolvimento deste artigo se constituiu em pesquisa qualitativa, fundamentada no design sustentável, havendo interpretação e atribuição de significados, elementos básicos de abordagem desta temática. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as temáticas principais (bioma da região, design e artesanato e as Sempre-vivas das comunidades de Diamantina), compreensão do contexto local e dos materiais para aplicação da pesquisa e análise dos dados (LÜDKE; ANDRE, 2013).

No sentido de delimitar a análise, do recorte do Estado de Minas Gerais, foi realizado um estudo sobre o Cerrado mineiro, em especial, nas comunidades do município de Diamantina, com o apoio da Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas Apanhadoras de Flores Sempre-vivas - CODECEX. São reconhecidas as experiências criativas, compartilhadas e desenvolvidas a partir dos conhecimentos da cultura local e da atuação e apoio dos parceiros (IEF, da Emater, Prefeitura de Diamantina e associações locais, entre outros) para o desenvolvimento de pesquisa em design social.

Buscou-se refletir sobre as consequências do período pandêmico, no qual as transformações afetam toda a sociedade. “Um projeto que envolva acadêmicos e comunidade é um meio de promover a inclusão social e a aproximação de culturas, como também uma forma de aprimorar os conhecimentos acadêmicos” (MELLO; PICHLER, 2011, p. 1).

3. Desenvolvimento

Assim, as relações humanas com o território devem ser analisadas de uma forma ampla, pois há elementos que interagem em um fluxo contínuo, que se estruturam na dimensão socioambiental. “O território é a base do trabalho, da

residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (SANTOS, 2015, p.47).

3.1 O bioma das Sempre-vivas em Minas Gerais

Os Campos de Altitude ou Rupestres se caracterizam pelo predomínio da vegetação de menor porte - herbáceas, arbustos escassos e árvores raras e isoladas, mas com muita variedade de espécies. Encontram-se nos pontos mais elevados das Serras da Mantiqueira, Espinhaço e Canastra (COURA, 2007).

As áreas de Campo Rupestre e de Cerrado Rupestre fazem parte do Cerrado e podem ser encontradas no território mineiro, segundo as classificações propostas por Ribeiro e Walter (2008) e descritas por Gianotti (2013):

“O sentido fisionômico campestre, ou campo, são referentes às áreas que tem o predomínio de espécies herbáceas e algumas arbustivas, faltando árvores na paisagem; já o termo Cerrado Rupestre refere-se à fisionomia savana, áreas com árvores e arbustos espalhados sobre um extrato de gramíneas, sem a formação de dossel contínuo” (GIANOTTI, 2013, p.247).

Destaca-se, neste trabalho, a vegetação de arbustos da região da Serra do Espinhaço, no Alto Jequitinhonha. Na Serra do Espinhaço, há um elevado grau de endemismo vegetal, onde podem ser encontradas 80% das espécies de flores Sempre-vivas que existem no território brasileiro. Essa região também abriga 40% das espécies de plantas ameaçadas de extinção no estado, conforme Monteiro (2011).

Dessa forma, essa região possui uma riqueza em biodiversidade que deve ser preservada com práticas sustentáveis em extrativismo. Justifica-se a importância das Áreas de Conservação e Proteção Ambiental, como também a criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas.

3.2 Design e o artesanato no Cerrado Mineiro

A concepção contemporânea de design amplia sua atuação no âmbito social à frente da relação design, produto, comunicação e mercado, conforme Moraes (2008). Papanek (1984) defende o conceito de que os designers e profissionais de criação podem causar mudanças positivas no mundo através de um bom design. Muito além de atender somente ao processo de projeto de produtos ou serviços, o design tem sua aplicabilidade na sociedade e deve contribuir para melhorar a qualidade de vida.

Borges (2012), relata que além da estética e da funcionalidade, um produto também transmite relações de afeto, memória e cultura impregnados nos objetos. A autora julga indissociáveis do futuro e dos desafios do atual design brasileiro: sustentabilidade, da identidade e do valor da produção artesanal. Elementos da cultura brasileira podem ser transformados em produtos criativos e valorizados no mundo inteiro. De acordo com a autora, há um enorme interesse pelo design brasileiro, não pelo que é mera cópia ou inspiração, mas pela originalidade – um espaço para os produtos artesanais.

O trabalho colaborativo de designers e artesãos pode contemplar os aspectos emocionais e cognitivos do design, relacionados a cultura, a história e as ciências. Dessa forma, “[...] o lado emocional do design pode ser mais decisivo para o sucesso de um produto que seus elementos práticos” (NORMAN, 2008, p. 24). Ou seja, o design tem grande potencial para desenvolver atribuições favoráveis ao processo de mudança da sociedade (SANTOS, 2019).

Destaca-se que o design é um facilitador para a transformação e expansão de potenciais. Ou seja, “[...] os saberes populares, as tradições e o compartilhamento de

experiências são elementos que contribuem para a dimensão social do design”. Em projetos com as comunidades, deve-se atentar para a capacidade de criação, inovação e invenção de lugares e artefatos que irão compor a cultura material de determinado local (MOURÃO, 2021, p. 867).

Santos (2019), Sachs (2011), Manzini e Vezzoli (2002) indagam se realmente deve-se considerar sustentável uma sociedade onde as conquistas e o desenvolvimento se estruturam através de um custoso e complexo sistema. Um projeto ecologicamente correto deve contemplar os aspectos ambientais. É preciso “reduzir o impacto ambiental durante todas as fases do seu ciclo de vida, o que significa reduzir gastos com matérias-primas, energia e lixo, desde sua fabricação até seu descarte” (MANZINI e VEZZOLI, 2002, p. 41).

O trabalho de trançar fibras vegetais é um legado do povo indígena brasileiro, resultando em produtos com fins utilitários, lúdicos e decorativos. Barroso (2009) relata que as principais fibras vegetais utilizadas no Brasil são fibras da taboa, do buriti, do coco, da carnaúba, do babaçu, o sisal, a juta, o junco, o apuí, os cipós ou trepadeiras, o bambu, o vime, cascas e entrecasas, palha de milho, folha de bananeiras, entre outras.

A palmeira do Buriti (*Mauritia flexuosa* L.) é um exemplo de espécie vegetal para consumo dos frutos e beneficiamento em alimentos e cosméticos, como também para a produção artesanal.

Em Minas Gerais os buritizais são encontrados nas áreas baixas de florestas abertas e fechadas, sobre solos mal drenados, brejosos ou inundados dos cerrados (LORENZI, 2004; SARAIVA & SAWYER, 2007; PEREIRA, 2009; E SAMPAIO, 2012).

O artesanato com as fibras das folhas e braços dos buritizais detêm um extenso valor cultural, uma prática transmitida entre povos da América do Sul e suas gerações (KELLER, 2011; MOURÃO, 2011; LIMA, MIRANDA E FERREIRA, 2013; SOUZA & VIANA, 2018).

3.3 Sempre-vivas: as flores dos campos

No Brasil são encontradas “cerca de 630 das 1.200 espécies de Sempre-vivas espalhadas pelo mundo”. São nativas principalmente nos campos rupestres, tipo de formação que ocorre no topo de regiões montanhosas, especialmente nos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás, onde crescem as espécies de maior valor de revenda. Entre estas, predominam espécies de cinco famílias de monocotiledôneas, citadas a seguir pela sequência decrescente de importância econômica: Eriocaulaceae, Poaceae (Gramineae), Xyridaceae, Cyperaceae e Rapateaceae (GIULIETTI et al., 1996, p.332).

A pesquisa publicada em 1988, “Estudos em sempre-vivas: importância econômica do extrativismo em Minas Gerais, Brasil”, relata o levantamento realizado na região de Diamantina, 33 (trinta e três) espécies importantes comercialmente, em termos de quantidade e de valor. Dessas espécies de Sempre-vivas, 18 (dezoito) espécies pertencem a família Eriocaulaceae, 10 (dez) são Gramineae, 3 (três) Xyridaceae e 2 (duas) Cyperaceae, descritas no artigo, com seus respectivos nomes científicos e populares, e outras informações (GIULIETTI et al., 1988).


O ambiente onde se encontra a maioria das espécies de Sempre-vivas é predominantemente seco, de solo raso, arenoso/pedregoso, com afloramentos rochosos, intensa incidência solar, característico de campos rupestres. A Chapada Diamantina, Jalapão, Chapada dos Veadeiros, Serras do Espinhaço, Serra do Cipó são algumas localidades famosas pela abundância de espécies de Sempre-vivas. No entanto, as Sempre-vivas ocorrerem também em outros ambientes brasileiros, do litoral ao alto das serras (CODECEX, 2019).

As flores Sempre-vivas da espécie Eriocaulaceae são facilmente reconhecidas por terem na base da flor uma roseta de folhas (sapata) geralmente dispostas em espiral. A haste sai da roseta que porta, em seu ápice, as inflorescências. Às vezes, essas hastes (escapos) surgem de um caule alongado, que se desenvolve no centro da roseta e por vezes, de ramos laterais a ela, como nas *Comanthera vernonioides* ou jazida. Em outros casos, são as hastes que possuem características de destaque, como o Capim-dourado e a Sempre-viva-pé-de-ouro. Estas flores são muito pequenas, atingindo um ou dois milímetros de comprimento (GIULIETTI et al., 1996).

A coleta das flores Sempre-vivas se estrutura no extrativismo a partir das populações naturais e feita por pessoas das comunidades, para garantir a subsistência das famílias locais. Existe iniciativa privada trabalhando com cultivo de algumas espécies de Eriocaulaceae, principalmente *Syngonanthus elegans* (Bong.) Ruhland, apenas nas proximidades de Diamantina. O período principal de coleta concentra-se no primeiro semestre, quando ocorre floração da maioria das espécies que são comercializadas (GIULIETTI et al., 1996)

Para melhor compreensão, foram selecionadas algumas espécies de Sempre-vivas, populares ou com maior expressividade no contexto da coleta das espécies, apresentadas no recorte da Tabela 1.

Tabela 1 – Exemplos de Espécies de sempre-vivas.

Nom	SEMPRE-VIVA PÉ-DO-OURO	ESPETA-NARIZ , ESPETINHO	BOTÃO D'ADUA, JAZIDA
Nome	<i>Syngonanthus elegans</i> (Bong.) Ruhland	<i>Rhynchospora</i> globosa (Kunth) Roem. & Schult.	<i>Comanthera vernonioides</i>
Descriçã	Possui aspecto vistoso de suas inflorescências, proporcionando valor comercial. As brácteas involucrais se destacam.	Erva perene, rizomatosa, ereta, 25-90cm altura. Pode ser pigmentada com outras, após a secagem.	Erva de até 2 cm, encontrada em muitos países da América do Sul.
Imagem			

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

As fontes principais dos conteúdos das espécies apresentadas no quadro a seguir foram: GIULIETTI et al. (1988); PARRA (1998); DURIGAN et al. (2018); Plano de Ação para a conservação das Eriocaulaceae do Brasil – PAN Sempre-vivas (ECMBio); Blog SEMPRE-VIVA (UFVJM). Entre estas espécies de Sempre-vivas, existem outras que, de acordo com o Centro Nacional de Conservação da Flora, podem estar ameaçadas (OLIVEIRA et al., 2015).

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com base na Portaria MMA/ICMBio nº 316/2009, coordena uma estratégia para a conservação de Eriocaulaceae, uma das famílias de plantas com grande número de

espécies ameaçadas: o Plano de Ação Nacional para Conservação de Eriocaulaceae – PAN Sempre-vivas. Esse Plano representa a segunda iniciativa do ICMBio para a conservação de espécies da flora, sendo coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa para Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Caatinga - CECAT/ICMBio, com o apoio de diversos parceiros institucionais.

4. As comunidades locais e a coleta das flores Sempre-viva

Historicamente, na região da Serra do Espinhaço, a roça de toco é um sistema utilizado pelos indígenas e que foi transmitido por gerações até os tempos atuais. Trata-se do manejo de pequenos terrenos, geralmente nas partes mais baixas, onde há mais umidade e onde o acúmulo matéria orgânica fertiliza o solo. Os grupos atuais são descendentes dos de indígenas que ocuparam a região, de portugueses e de africanos que aqui foram escravizados. Essas comunidades rurais, que se autodenominam apanhadores de flores Sempre-vivas, têm uma identidade territorial e expressam um modo de vida que combinam estes ambientes (MONTEIRO,2011).

Com o desenvolvimento da atividade, mais de 50 municípios na porção meridional da Serra do Espinhaço, denominada pelas comunidades locais de Serra Mineira ou Serra de Minas, foi estabelecida a função de Apanhadores de Flores Sempre-vivas. Os apanhadores possuem uma forte ligação com o território e são profundos conhecedores da flora e da fauna local.

A coleta de flores é tradição na região dos campos rupestres do Cerrado e também é fonte de renda fundamental para a reprodução sociocultural das famílias. Além das flores, as comunidades vivem das atividades de coleta de plantas medicinais e frutos nativos; da criação de gado rústico nos campos sobre a serra nas áreas de uso comum e de animais de carga e de pequeno porte para uso doméstico; de plantações como o milho, feijão e mandioca; enfim, de atividades que possam garantir a preservação da vida rural e o ciclo de natureza. O resultado econômico da atividade extrativa das Sempre-vivas foi mostrado na pesquisa de Giulietti (1984).

As comunidades Apanhadoras de Flores Sempre-vivas, são detentoras de um Sistema Agrícola Tradicional-SAT, de um modo de vida e conhecimentos relacionados ao bioma nativo e seu manejo, que mereceram da FAO/ONU o reconhecimento como Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial - SIPAM, sendo o pioneiro do Brasil e quarto da América Latina a conseguir tal distinção.

O SAT das Apanhadoras de Flores Sempre-vivas conjuga agricultura - criação - coleta nos diferentes agro-ambientes da Serra e nas variações sazonais, sendo constituído pelos seguintes componentes: policultivos em meio a áreas de vegetação nativa; quintais agroflorestais próximos às moradias com grande diversidade de espécies alimentares e criação de animais de pequeno porte; criação de gado rústico em pastagens nativas; manejo e extrativismo de espécies do cerrado para fins alimentares, medicinais, construções e usos domésticos; coleta de plantas ornamentais, com relevância para as Sempre-vivas, para comercialização e melhoria da renda (figura 3). Estas comunidades detêm um modo de vida em estreita relação com o patrimônio biocultural, preservando-o por sucessivas gerações (EIDT; UDRY, 2019).

Algumas comunidades já produzem peças de artesanato para o mercado, mas ainda de forma pouca expressiva. A maior quantidade das espécies ornamentais colhidas destina-se ao mercado externo, por meio de atravessadores. Nas brechas, as famílias conseguem desenvolver a colheita das Sempre-vivas mais cobiçadas. O manejo tradicional sustentável das flores inclui o “restolho”, que significa a permanência de aproximadamente 30% destas que são deixadas nos campos para

emissão de sementes e manutenção da população de plantas nos campos nativos, conforme Eidt e Udry (2019).

Evitou-se, neste trabalho, citar os nomes das comunidades pesquisadas, em função da recuperação gradual de alguns grupos afetados pela pandemia da covid.19. Os efeitos da crise sanitária foram intensos, tendo provocado queda de renda ao redor de 50% durante o longo período de fechamento do comércio e da carência de turistas, segundo diálogo com representantes do CODECEX, em dezembro de 2021. Contudo, permanece o comércio das Sempre-vivas no Mercado Velho de Diamantina, que recebe todos os sábados pela manhã a feira da cidade. O artesanato também é vendido nas praças, por iniciativas dos artesãos e em algumas lojas, para os turistas, que pouco conhecem sobre a importância das flores Sempre-vivas para as comunidades (figura 2).

Figura 2 - Artesanato das comunidades de Diamantina – MG.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Portanto, deve-se incluir uma proposta que incentive o empreendedorismo, que, atualmente, tornou-se a chave do desenvolvimento sustentável, contribuindo com a economia local, principalmente para as comunidades de baixa renda.

5. Resultados e discussão

5.1 Análise das espécies de Sempre-vivas e o artesanato das comunidades

Dos biomas de Minas Gerais, pode-se dizer que o Cerrado e Mata Atlântica estão localizados em duas grandes áreas. Destaca-se inclusive que a Caatinga, no nordeste do Estado apresenta características únicas, necessitando de preservação. Os abusos humanos estão diminuindo as áreas nativas, o que também prejudica as comunidades locais. Medidas protetivas estabelecidas por políticas públicas são fundamentais para que os biomas possam continuar a existir.

A produção artesanal está presente em todas as regiões, contudo, os produtos apresentam a cultura e os valores de cada comunidade, em maior ou menor escala. Devido ao período de pandemia, as comunidades perderam o contato com turistas e a comercialização se tornou precária. O retorno ocorre atualmente, mas os artesãos

percebem que seus produtos necessitam de inovações, considerando a escassez inclusive de matéria prima.

Os resíduos, das espécies vegetais locais, são utilizados para o artesanato. Mas, poucos são os artesãos que conhecem as espécies. Geralmente, as técnicas de coleta, beneficiamento e produção são transmitidas por familiares e somente estes laços mantem a produção.

As pessoas apanhadoras de flores desenvolveram, ao longo dos anos e por inúmeras dificuldades enfrentadas, estratégias de vida e saberes complexos, permeados por significações e compreensões contextualizadas pelos lugares onde se encontram. Observa-se um amor próprio ao lugar, as lembranças e a atividade que desenvolvem. As práticas sustentáveis de extrativismo já apresentam resultados e as recentes conquistas de reconhecimento da atividade como patrimônio embala o otimismo das comunidades.

Das análises da pesquisa, foi observado que a temática desperta o interesse sobre as espécies vegetais das comunidades para os envolvidos, parceiros ou pessoas da comunidade local. O conhecimento das espécies vegetais dos biomas em risco de preservação proporciona a valorização do território, identidade e cultura aos produtos locais. Também foi observado o interesse em aproximar as atividades do design das atividades de produção artesanal locais.

No comércio na cidade de Diamantina foi observado que, apesar dos esforços para a divulgação das flores Sempre-vivas como produto identitário das comunidades, ainda é precário o emprego das flores em adornos comerciais, em produtos para o turismo e nas atividades culturais. Porém, como cidade turística e com o retorno das atividades culturais, há grandes possibilidades de novas propostas para desenvolver o artesanato das Sempre-vivas na região.

5.2 Iniciativas de cocriação com a participação de designers

Atendendo ao pedido do CODECEX, o grupo de pesquisadores, formado por professores e estudantes de cursos de bacharelado em design, ofereceu uma oficina de conhecimentos básicos de artesanato, cocriação e cadeia de valor das Sempre-vivas, para alguns artesãos. A oficina denominada “Caminhos para as Sempre-vivas: Design social na prática” foi realizada para algumas pessoas, moradoras das comunidades próximas de Diamantina, aproveitando um intervalo da visita técnica da equipe de designers.

A oficina (atividade experimental) teve início com a apresentação dos conteúdos básicos sobre o artesanato (forma, funcionalidade, proporção, estrutura, cores, estética, detalhes, entre outros) e diálogo sobre a importância da identidade local. Em seguida, os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas experiências e dificuldades para o desenvolvimento de produtos artesanais. Percebeu-se, neste diálogo, que as apanhadoras de flores pouco valorizam o trabalho que executam.

Os participantes se encantaram com a simplificação das técnicas para geração de alternativas. Assim, os artesãos terão oportunidade de realizar as adequações, incluindo detalhes da cultura local. Uma proposta de projeto extensionistas poderá ser contemplada pelo grupo, aguarda-se as possibilidades de recursos que atendam aos objetivos de atuação da equipe de designers. Contudo, as orientações por meio de encontros virtuais será umas das possibilidades de atendimento às necessidades dos artesãos.

Na figura 3, são apresentadas imagens dos estudos para o desenvolvimento de novos produtos com as Sempre-vivas, apresentados na oficina realizada para as

apanhadoras de Sempre-vivas de Diamantina, com a participação de professores e estudantes de cursos de design.

Figura 3 - Desenvolvimento dos Produtos.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

A forma de tratar o material, as relações com a sociedade local, comerciantes e turistas, são áreas que necessitam de orientação. As espécies e os produtos de Sempre-vivas devem ser protagonistas no território, para que possam ser reconhecidas como parte da cultura local. Em outro momento, alguns estudos foram compartilhados, apresentando os conceitos e as possibilidades para a geração de novos adornos.

6. Considerações Finais

O design atua em diversas áreas do conhecimento, exercendo contribuições criativas nas soluções de problemas. Este projeto de pesquisa em utilização dos resíduos de espécies vegetais dos biomas, em comunidades do território mineiro, apresenta potencial para atividades extensionistas. Certamente, as parcerias poderão agregar diretrizes para a expansão da pesquisa em pequenos negócios para os artesãos. Experiências antecessoras com o Instituto Sociedade População e Natureza (ISPN) e a Emater-MG, relacionando as preservações das espécies vegetais à agricultura familiar, garante a relevância do desenvolvimento do projeto em comunidades de produção artesanal. Assim, são reconhecidas as experiências criativas, participativas, compartilhadas e desenvolvidas a partir dos conhecimentos da cultura local.

As possibilidades de geração de novos produtos artesanais, com as contribuições do design poderá contribuir para desenvolvimento sustentável local, por meio de desdobramento da pesquisa em atividade extensionista. As experimentações de cocriação observadas durante a oficina “Caminhos para as Sempre-vivas: design social na prática”, apontaram que a continuidade desta pesquisa em atividade extensionistas é uma proposta viável.

Considerando a dimensão sociocultural, as pessoas que atuam em grupo em projetos sociais, são capazes de promover o desenvolvimento integral e sustentável, aliando preservação e promoção de seus valores culturais e ambientais. Por isso, o mapeamento de espécies vegetais e das técnicas artesanais são compatíveis ao desenvolvimento de gestores de projetos e negócios. Estas práticas relacionam-se ao empoderamento feminino, questões de inclusão social, com os fazeres locais. Os resultados poderão ser avaliados nas dimensões que nos guiaram neste processo, aliadas à realidade da comunidade.

Em pesquisa antecessora, foi desenvolvido um catálogo de espécies vegetais do cerrado mineiro (região do Vale do Uruçuaia), com objetivo de contribuir para a produção artesanal e a preservação do bioma local. Este projeto conquistou financiamento da União Europeia, por meio do ISPN, e premiação da Secretaria de Economia Criativa do MINC, em 2012. O Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil, desenvolvido pelo ICMBio, apresenta as organizações comunitárias (associações e cooperativas) representantes de povos e comunidades tradicionais das Unidades de Conservação de Uso Sustentáveis, evidenciando os principais produtos da sociobiodiversidade que estas instituições extraem e comercializam.

Contudo, compreendendo a extensão das temáticas que envolvem o desenvolvimento deste projeto. Acredita-se, no entanto, que as mudanças também poderão contribuir em parcerias institucionais do poder público, tendo em vista as contribuições que a pesquisa poderá gerar para as comunidades carentes.

Agradecimentos

Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).
Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas Apanhadoras de Flores Sempre-vivas (CODECEX).

Referências

- BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro No, 2012.
- BRASIL. **Decreto Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.
- COMISSÃO EM DEFESA DOS DIREITOS DAS COMUNIDADES EXTRATIVISTAS (CODECEX). **Plano de ação para conservação dinâmica do sistema agrícola, tradicional na Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais (Brasil)**. Dez./2019.
- COURA, Samuel Martins da Costa. **Mapeamento de vegetação do Estado de Minas Gerais utilizando dados Modis**. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto). /INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais/ Ministério da Ciência e Tecnologia, São Jose dos Campos, 2007. Disponível em: <http://mtc-m16b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/MTC-m13@80/2006/12.21.13.36/doc/publicacao.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- DURIGAN, Giselda et al. **Plantas pequenas do cerrado: biodiversidade negligenciada**, 1.ed. São Paulo: SMA/Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2018.

-
- EIDT, Jane Simoni; UDRY, Consolación. **Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil**. Coleção Povos e Comunidades Tradicionais, vol.3. Brasília/DF: Embrapa, 2019.
- EMATER-MG. Disponível em: <https://www.emater.mg.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- GIANOTTI, André Rodrigues da Cunha; SOUZA, Maria José Hatem de; MACHADO, Evandro Luiz Mendonça; PEREIRA, Israel Marinho; VIEIRA, Arthur Duarte; MAGALHÃES, Mariana Rodrigues. Análise microclimática em duas fitofisionomias do Cerrado no Alto Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v.28, n.3, 246 - 256, 2013.
- GIULIETTI, Ana Maria. **Estudos taxonômicos no gênero Leiosthix Ruhel (Eriocaulaceae)**. Tese (Livre-Docência) Instituto de Biociências - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984, 269 p.
- _____; WANDERLEY, Maria das Graças Lapa; LONGHI-WAGNER, Hilda Maria; PIRANI, José Rubens Lara; PARRA, Regina. Estudos em "sempre-vivas": taxonomia com ênfase nas espécies de Minas Gerais, Brasil, **Acta Botânica Brasilica**. n.10, v. 2, 1996.
- GIULIETTI, Nelson; GIULIETTI, Ana Maria; PIRANI, Jose Rubens; MENEZES, Nanuza Luiza de. Estudos em sempre-vivas: importância econômica do extrativismo em Minas Gerais, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**. n. 1, v. 2, p. 179 - 193, 1988. ISSN: 1677-941X Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/Wj8ZZjR4xqgb6F3YBfkJWgw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). **Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil**, 2ª ed., Brasília: MMA, 2009. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/catalogo_de_produtos_da_sociobiodiversidade_do_brasil.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.
- _____. **Guia para gestão de planos de ação nacional para a conservação das espécies ameaçadas de extinção: PAN - elabore - monitore – avalie / ICMBio**. Brasília: ICMBio, 2018. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao-ARQUIVO/00-saiba-mais/PAN - elabore - monitore - avalie 2018-v2.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- _____. **Sempre-vivas**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-pan/pan-sempre-vivas/1-ciclo/pan-sempre-vivas-sumario.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS (IGA). **Vegetação do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG, out./2012. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/geografia/clima-vegetacao-e-relevo>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS DE MINAS GERAIS (IEF/MG). **Cobertura vegetal de Minas Gerais**. Postado em 13 jul. 2020. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/florestas>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- _____, et al. **Áreas prioritárias: estratégias para a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas de Minas Gerais**. Belo Horizonte: IEF, 2021. Disponível em: https://biodiversitas.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Relatorio_Areas-Prioritarias2021_PSCRMG.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.

-
- INSTITUTO SOCIEDADE POPULAÇÃO E NATUREZA (ISPN). **Programa de Pequenos Projetos Ecosociais no Cerrado e na Caatinga - Portfólio 2013 a 2018**. Brasília-DF: ISPN, 1ª ed., 2018.
- KELLER, Paulo Fernandes. Trabalho artesanal em fibra do buriti no Maranhão. **Cadernos de pesquisa**, São Luís, v. 18, n. 3, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/647>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- LIMA, Luiz Carlos; MIRANDA, Ires Paula de Andrade; FERREIRA, Ana Francisca Tibúrcia Amorim. Estudo socioeconômico do buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) no estado do Amazonas. **II Congresso de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq - PAIC/FAPEAM**. Manaus, 2013. Disponível em: https://repositorio.inpa.gov.br/bitstream/1/3382/1/pibic_inpa.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.
- LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de; COSTA, Judas Tadeu Medeiros; CERQUEIRA, Luiz Sérgio Coelho de; FERREIRA, Evandro José Linhares. **Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2004.
- LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E. D. A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MANZINI, Ezio. (org.). **Design para a Inovação Social e Sustentabilidade: Comunidades Criativas, Organizações Colaborativas e Novas Redes Projetuais**. Rio de Janeiro: e-Papers, 2008.
- _____; VEZZOLI, Carlo. **O Desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. São Paulo: Edusp, 2002.
- MELLO, Carolina Luva de; PICHLER, Rosimeri Franck. **Design para inovação social: união entre universidade e sociedade**. 8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto. UFRGS, Porto Alegre – RS, set. 2011. Disponível em: file:///C:/Users/nadja/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Design_para_inovacao_social_uniao_entre_universidade_e_sociedade.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.
- MONTEIRO, Fernanda Testa. **Os (As) Apanhadores (As) de Flores e o Parque Nacional Das Sempre-Vivas (MG): travessias e contradições ambientais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
- MORAES, Dijon de. **Design e complexidade**. Cadernos de Estudos Avançados em Design: transversalidade. Caderno 2, v.1, Editora Santa Clara Editora Ltda, 2008.
- MOURÃO, Nadja Maria. **Biomass tropicais, design e comunidades**. VIII Simpósio Design Sustentável (SDS 2021 - Evento on-line). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://eventos.ufpr.br/sds/sds/paper/view/4569/1063>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- _____. **Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais: uma aplicação prática de design sistêmico no Cerrado Mineiro**. (Dissertação) Mestrado em Design. UEMG, Belo Horizonte, 2011.
- NORMAN, Donald A. **Design Emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PAPANÉK, Victor. **Design for the real world**. Second Edition. New York: Van Nostrand Reinhold, 1984.